



Aluísio Azevedo e a imprensa maranhense do século XIX ¹

Natália Raposo da FONSÊCA ²

Valéria Romano UCHÔA ³

Bruna Sampaio de CARVALHO⁴

Guida Mendonça Figueiredo FERREIRA⁵

Universidade Federal do Maranhão, São Luís, MA

RESUMO

O presente trabalho faz um resgate da produção do jornalista, caricaturista e escritor maranhense Aluísio Azevedo, a partir de investigações de sua colaboração nos jornais maranhenses A Flecha, A Pacotilha e O Pensador. Destacam-se as influências política, econômica, social e cultural recebidas por Aluísio Azevedo, além de uma breve contextualização histórica do período em que se desenvolveu a produção do escritor. Visando possibilitar um olhar amplo acerca da pluralidade da obra de Aluísio, destaca-se, no corpo do texto, registros de suas caricaturas, textos jornalísticos e literários.

PALAVRAS-CHAVE: jornalismo maranhense; imprensa no século XIX; literatura.

1 INTRODUÇÃO

Aluísio Azevedo é no Brasil talvez o único escritor que ganha pão exclusivamente a custa de sua pena, mas note-se que apenas ganha o pão: as letras no Brasil ainda não dão para a manteiga.
Magalhães (1896 apud MARTINS, 2002)

Em 1876, o escritor maranhense Aluísio Azevedo, à época com dezenove anos, partiu do Maranhão rumo ao Rio de Janeiro. Ele queria cursar a Academia Brasileira de Belas-Artes, tinha planos de seguir a carreira de desenhista e pintor, e foi movido por esse sonho que, posteriormente, se tornou um excelente caricaturista. Por meio das caricaturas teve seu primeiro contato com os jornais, pois os periódicos ilustrados tinham contribuição de caricaturistas.

¹ Trabalho submetido ao Intercom Júnior – Jornada de Iniciação Científica em Comunicação, evento componente do XXXI Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Estudante de Comunicação Social da Universidade Federal do Maranhão. E-mail: nataliaraposof@gmail.com

³ Estudante de Comunicação Social da Universidade Federal do Maranhão. E-mail: valuchoa@hotmail.com

⁴ Estudante de Comunicação Social da Universidade Federal do Maranhão. E-mail: brunabsc@hotmail.com

⁵ Estudante de Comunicação Social da Universidade Federal do Maranhão. E-mail: guidamf@hotmail.com



Dois anos mais tarde, em agosto de 1878, Aluísio retorna ao Maranhão por motivo do falecimento de seu pai. É quando escreve seu primeiro romance: *Uma Lágrima de Mulher*.

A literatura incentivou a participação de Aluísio nos jornais maranhenses, onde desenvolveu um jornalismo opinativo e de combate, assumindo uma postura claramente parcial e anticlericalista. Com um texto marcado por muita subjetividade e adjetivação, o escritor abordava os problemas vividos no Maranhão de fins do século XIX e possibilitava em sua obra a identificação de tipos marginais da sociedade. Esses tipos são nitidamente percebidos no livro *O Cortiço*, por exemplo.

O momento sócio-histórico do final do século XIX permitiu que o jornalismo fosse desenvolvido ao lado da literatura com o objetivo de levantar, alimentar e estimular os debates públicos, acerca das questões sociais em que acreditava.

2 CONTEXTUALIZAÇÃO HISTÓRICA

Para se que se entenda a produção de Aluísio Azevedo, bem como sua contribuição ao jornalismo e à literatura, deve-se considerar o contexto histórico em que este autor viveu e desenvolveu sua obra.

Aluísio Azevedo viveu em um contexto de grandes mudanças em todos os âmbitos, no mundo, no Brasil e no Maranhão. Tais mudanças na realidade econômica, política e cultural já vinham sendo desencadeadas desde o século XVIII com a Revolução Francesa que implicou o surgimento de uma nova classe, a burguesia.

Posteriormente, a Revolução Industrial modificou ainda mais os contornos da sociedade do século XIX, devido às grandes transformações geradas pela automação da produção de bens de consumo e pelo surgimento da classe proletária.

Esse segmento da sociedade sofreu um “inchaço” em razão do êxodo rural provocado pela Revolução Industrial. A mão-de-obra de servos e colonos foi substituída por mão-de-obra assalariada, obrigando o excedente de trabalhadores a migrar para os núcleos urbanos, buscando emprego nas fábricas que se avolumavam nesse período.

Em pouco tempo o proletariado adquiriu certo poder de compra, mas ainda não tinha estudo suficiente para consumir uma literatura clássica e de maior complexidade intelectual, com conteúdo e linguagem mais densos e rebuscados.



Essa nova configuração social implicou modificações no tipo de jornalismo que era feito na época, voltado somente para um público mais erudito. O crescimento da classe proletária obrigou a produção jornalística e literária a encontrar formas de atender a esse novo público com características próprias, um público que dividia seu tempo em jornada de trabalho e tempo de lazer, por isso o jornalismo deveria ter função informativa e de entretenimento. A questão era como tornar os jornais mais populares e mais interessantes à grande massa, de forma a aumentar as vendas abrangendo um público mais amplo.

Dessa questão surgiu o folhetim, uma forma de narrativa literária, que segundo Cristina Costa, em sua obra *A Milésima Segunda Noite* originou-se da narrativa árabe “As mil e uma noites”, cuja versão mais antiga data do século X, exatamente por se tratar de uma narrativa ficcional e apresentada de forma fragmentada, deixando “ganchos” que instigassem a curiosidade na continuação da história.

gancho, aquele recurso narrativo que procura, através da suspensão temporária da resposta, intensificar e solucionar a espécie de angústia que assalta o leitor (telespectador) diante de um fato desconhecido [...] uma forma narrativa, popular e produzida pela indústria cultural. (COSTA, 2000, p.10)

Devido a esse caráter seriado do folhetim é que sua inserção no jornalismo diário foi tão importante, pois graças ao sucesso desse tipo de narrativa o público leitor comprava diariamente o jornal e acabava por fim, tendo acesso também às notícias que nele circulavam, recebendo influência direta dessas notícias. Nessa época os jornais eram declaradamente parciais e traziam de forma clara a visão política e ideológica do grupo a que pertenciam.

O folhetim, que surge na França já em fins do século XIX, é considerado uma obra aberta, pois assim como as telenovelas atuais, descendentes diretas dos folhetins, tinham seus roteiros passíveis de mudanças de acordo com a aceitação popular. A temática explorada nos folhetins variava em cada lugar onde fossem produzidos, mesmo porque a realidade européia divergia bastante do momento vivido no Brasil, e por isso foi importante a atuação de Aluísio Azevedo como escritor de folhetins. Suas narrativas, assim como suas obras, retratavam com riqueza de detalhes as peculiaridades da sociedade brasileira, sobretudo a maranhense.

No século XIX, o Brasil vivia um momento de movimentos abolicionistas, que culminou como fim da escravidão, em 1888, e com a conseqüente chegada dos



imigrantes ao Brasil para suprir a escassez de mão-de-obra ocasionada pela abolição. Além disso, houve também um forte impulso no movimento republicano, que contava com o apoio de diversos escritores famosos, dentre os quais citamos Aluísio Azevedo.

Por fim, as transformações ocorridas desde o século XVIII e ao longo do século XIX repercutiram no Maranhão, sobretudo em questões referentes à briga pelo poder entre Igreja e Estado. O Maranhão por ter sido o último estado a aderir à independência, ainda se encontrava muito arraigado a Portugal e muito dominado pela poder eclesiástico. Dessa forma, os pensamentos positivistas, bastante disseminados pela Europa e já chegados ao Brasil, enfrentaram duras resistências da Igreja que não admitia a mudança do eixo do poder.

3 ALUÍSIO AZEVEDO NESSE CONTEXTO

As transformações que ocorriam no mundo, no Brasil e no Maranhão repercutiam diretamente na produção literária e jornalística de Aluísio Azevedo, já que este enquanto autor de grande expressão realista/ naturalista devia fidelidade à realidade.

No âmbito literário, o Realismo surge em oposição à alienação dos ultra- românticos, propondo uma nova estética, que apregoa a descrição exata da realidade física e humana, através da anotação dos pormenores e com a máxima verossimilhança, sem a distorção do subjetivismo, do sentimentalismo e das visões fantasiosas e alucinatórias dos românticos. (D' ONÓFRIO, 2000, p.380)

A produção de Aluísio Azevedo retrata exatamente o período em que ele vivia. Pode-se perceber isso através dos traços declaradamente anticlericais dos jornais que contavam com a sua contribuição e através também das características de seus personagens, retratando por vezes pessoas reais da sociedade maranhense; o caráter abolicionista também é presença constante em suas obras.

O século XIX presenciou mudanças tão significativas que se estendem até os dias atuais, e Aluísio Azevedo sofreu influência dessas mudanças, assim como também foi agente das mesmas no que tange ao jornalismo maranhense, onde ele deu contribuição de grande valia, apesar de ser mais conhecido por sua produção literária,

sobretudo *O Mulato* (1881) e *O Cortiço* (1890), ambos romances polêmicos que projetaram o autor nacionalmente.

Iniciando sua vivência no meio jornalístico, Azevedo começa como caricaturista em jornais cariocas e registram algumas fontes que ele, posteriormente, passou a compor a personalidade de seus personagens por meio das caricaturas. Os jornais *O Fígaro* e *O Mequetrefe* contaram com suas caricaturas.



Charge de Aluísio Azevedo,
publicada em *O Mequetrefe*
Fonte: [http:// www.klickeducacao.com.br](http://www.klickeducacao.com.br)

Já em São Luís, começa a escrever para três jornais: *A Flecha*, *O Pensador* e *A Pacotilha*, nos quais expressa seu posicionamento político e ideológico, atacando frontalmente a Igreja e algumas vezes utilizando pseudônimos. Não só através dos jornais se dava esse enfrentamento público, seus romances também cumpriam esse papel, como no caso de *O Mulato*, publicado durante o curto período em que permaneceu em sua terra natal.

De volta ao Rio de Janeiro, Azevedo dá início à produção de folhetins seguindo uma tendência mundial, no entanto, seus folhetins não se igualam aos produzidos na Europa, pois possuem traços tipicamente brasileiros, bastante presentes na obra desse autor: um clima tropical, retratando o comportamento da mulher e trazendo a figura de um padre que vem destacar a visão que Azevedo possui da Igreja, dentre outros elementos igualmente importantes.



4 PRÁTICA PROFISSIONAL DE ALUÍSIO

Na busca por analisar a vida de Aluísio Azevedo como escritor e jornalista teve-se que fazer uma distinção da sua característica marcante no Maranhão e no Rio de Janeiro. O escritor é “filho” da terra maranhense, mas foi buscar um lugar de destaque com as Artes na capital fluminense, como afirma Pinheiro (2003, p. 3):

Aluísio fazia jornalismo opinativo, nada preocupado com os anseios de imparcialidade. Era, declaradamente, anticlerical. Essa característica é muito evidente em seus registros deixados, seja na literatura, seja no jornalismo. Esse é um aspecto muito presente, desde o início de sua carreira, como caricaturista no Rio de Janeiro.

Aluísio Azevedo, aos dezenove anos, embarca para o Rio de Janeiro, com o fim de matricular-se na Imperial Academia de Artes, tinha ele um sonho de se tornar desenhista. Seu primeiro emprego foi como caricaturista nas redações de jornais políticos e humorísticos. Com a morte do seu pai, ele volta ao Maranhão, em 1878, e na capital maranhense, aos vinte e dois anos, lança seu livro Uma Lágrima de Mulher. Aluísio, que pretendia ficar no Maranhão por três meses, acaba ficando por três anos, e durante esse período teve uma contribuição marcante para a imprensa maranhense.

4.1 No Maranhão

Aluísio Azevedo teve sua produção jornalística divulgada em três jornais anticlericais, nos quais contribuiu como colunista de crônicas e charges, como enfatiza na entrevista Ferreira Junior (2006, p. 2):

Aqui em São Luís ele escreve O Mulato, quando se depara com questão grave que era a influência da Igreja, de uma igreja muito conservadora e ele era um homem liberal, republicano, abolicionista e marçom e era, sobretudo, anticlerical. Aqui no Maranhão ele colabora na fundação de três jornais. No primeiro jornal mais expressivo de caricaturas do Maranhão que foi o jornal anticlerical A Flecha, no qual ele tinha uma coluna chamada Piticaia e assinava com o pseudônimo Pitrybi. Ele ajudou a fundar o jornal O Pensador e o jornal A Pacotilha, que foi o primeiro jornal diário do Maranhão.



No Maranhão, Aluísio colaborou de forma intensa nos jornais locais, tendo uma atividade ativa de protestos contra as atitudes da igreja, que possuía na época um jornal chamado *Civilização* que demonstrava os ideais clericais. Esse jornal estava vinculado aos padres do Seminário Santo Antônio, como enfatiza Ferreira Júnior (2006, p. 2), “o embate na época era muito forte, era quase que de luta corporal, na Praia Grande”.

Vale ressaltar que quando Aluisio Azevedo regressa ao Maranhão por motivos pessoais, não tem interesse em estabelecer qualquer vínculo empregatício, mas acaba por escrever *Uma Lágrima de Mulher*, além de pintar o quadro a óleo, *Depois de uma Banicada*. Nos anos que permanece em sua terra natal, também publica *O Mulato*, ajuda na fundação do jornal *O Pensador* e se estabelece como colunista do jornal *A Pacotilha*, para onde escreve até às vésperas de sua viagem de volta ao Rio de Janeiro. Nesse último periódico, Azevedo publica uma carta de despedida (ver anexo) na ocasião de sua partida.

O livro *Um Lágrima de Mulher* não alcançou uma boa repercussão nacional, ficando restrito apenas ao Maranhão, como afirma Fanini (2003, p. 287):

Mas o livro não prenuncia, de forma alguma, o romancista de pulso que dois anos mais tarde, ainda em São Luiz, publicava “*O Mulato*”. Mesmo assim, o romance desperta certo interesse no público da terra. O idealismo romântico, dentro de cujos princípios fora concebida a narrativa, ainda provoca enternecimentos e paixões nos serões de leitura da sociedade imperial. E o livro, por isso mesmo, é aceito e discutido.

4.2 No Rio de Janeiro

Aluísio retorna ao Rio de Janeiro em 1882. Na capital fluminense, o escritor maranhense começa a escrever um romance-folhetim chamado *Mistério da Tijuca* que, posteriormente, deu origem ao livro *Girândola de Amores*. Os folhetins de Azevedo eram editados pelo jornal *Folha Nova*, no Rio de Janeiro (1882-1883).

Ressalta-se que essa edição folhetinesca foi alvo de diversas críticas, devido ao fato de Aluísio ter escrito uma carta a um amigo, na qual pedia um cargo público, já que a considerava *Mistério da Tijuca* uma produção meramente fabril, apenas uma fonte de renda. O que ele realmente queria era escrever *Casa de Pensão*, como diz Fanini (2003, p.292):



Certamente, Aluísio terá sentido sempre algum remorso de “O mistério da Tijuca”, que reapareceu mais tarde com o título “Girândola dos Amores”, como se a mudança de nome pudesse tornar essa narrativa menos soporífera.

O escritor toma os romances-folhetins um verdadeiro laboratório de experimentação para a produção da obra “*Casa de Pensão*”, e assim faz certa mistura entre as duas escolas, a Romântica e a Realista-Naturalista. Jean-Yves Mérian, o mais minucioso pesquisador da obra de Aluísio Azevedo, escreve:

Seus folhetins são romances em tese, mas o autor desenvolve neles teses sociais e políticas claras ao mesmo tempo em que, por outro lado, faz descrições de cenas irreais e fantásticas. (MÉRIAN apud FERREIRA JUNIOR, 2005, p. 2).

Além de escrever *Girândola de Amores*, também escreveu *A Condessa Vésper* no jornal *Gazetinha*. Após sua passagem pela imprensa carioca, em 1891, Aluísio troca a carreira de literato e jornalista pela diplomacia. Foi nomeado oficial-maior da secretária do Governo do Estado do Rio e, logo em seguida se torna cônsul de carreira ao ser nomeado Vice-Cônsul em Vigo. Suas principais obras são os romances *Uma Lágrima de Mulher* (1879); *O Mulato* (1881); *Memórias de um Condenado* (1882); *Mistério da Tijuca* (1882); *Casa de Pensão* (1884); *Filomena Borges* (1884); *O Coruja* (1885); *O Homem* (1887); *O Cortiço* (1890); *A Mortalha de Alzira* (1894) e *Livro de uma Sogra* (1895). Também escreveu contos, como, *Demônios* (1893) e *Pegadas* (1897), textos adaptados para o teatro, como, *A flor de Lis* (1882); *Fretzmac* (1888); *Casa de Orates* (1956) e *Fluxo e refluxo* (1905).

Além dessas obras, Aluísio também é autor de *O touro negro*, uma crônica e epistolário, de 1954. Grande parte de sua obra teatral, embora levada à cena, não foi editada, como, por exemplo, *O Mulato*, *Filomena Borges*, *A República* e *Um caso de adultério*. Outras peças não foram publicadas, nem representadas. São elas: *As minas de Salomão*, *A mulher e Alma de prego*, entre outras.



Aluísio Azevedo deixou inconcluso um livro de impressões de viagens, que se intitularia Japonesas e norte-americanas, e do qual um excerto foi publicado, em 1904, pelo Almanaque Garnier.

5 JORNAIS MARANHENSES

Como já citado, a contribuição de Aluísio Azevedo foi de grande importância para o jornalismo maranhense, pode-se falar em imprensa maranhense antes e depois de Aluísio, um verdadeiro divisor de águas. Para que se entenda melhor essa divisão, há de se caracterizar os principais jornais maranhenses da época que contaram com a participação ativa deste autor.

Aluísio Azevedo fazia jornalismo opinativo, nada preocupado com os anseios de imparcialidade. Era, declaradamente, anticlerical. Esta característica é muito evidente em seus registros deixados, seja na literatura, seja no jornalismo. Este é um aspecto muito presente, desde o início de sua carreira, como caricaturista no Rio de Janeiro. (MARTINS, 2002, p. 35)

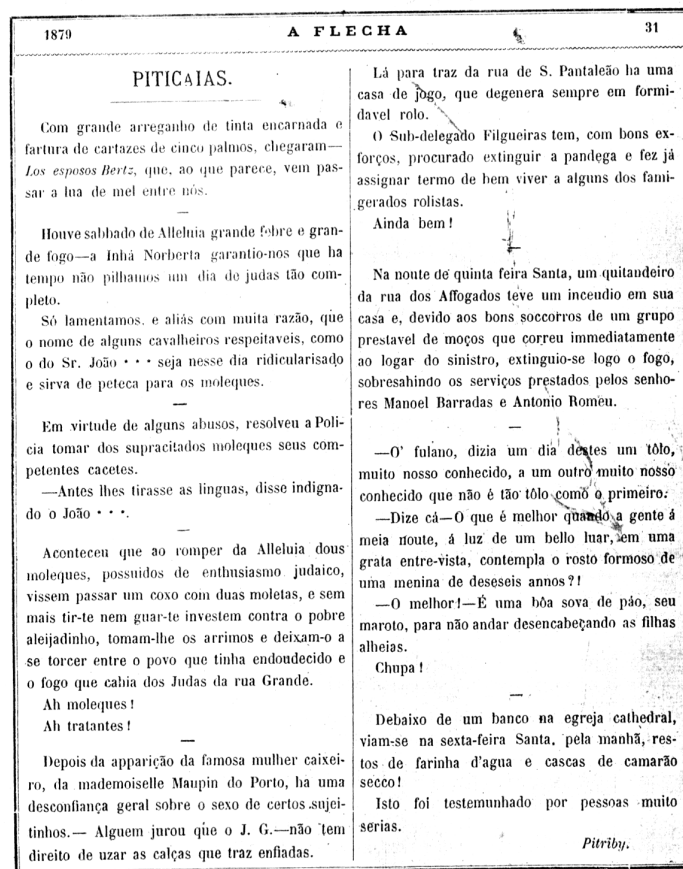
5.1 A Flecha

Fundado em 1879, foi o primeiro jornal caricatural no Maranhão, utilizado por Aluísio Azevedo para atacar o clero maranhense. Surgiu no século XIX, em um período de grandes debates, momento em que estavam em foco as questões da abolição da escravatura e da Proclamação da República. O primeiro número, na seção Flechadas se lê:

A irmandade dos Passos, deu um passo na senda do progresso
E deu um exemplo também
E fez uma economia
E acabou uma ostentação
E matou uma mamata
E merece um amigável aperto de mão
- Ponto de interrogação do leitor...
Ora esta! Não fez procissão.

O jornal a flecha era caracterizado por ser abolicionista, determinista, contra-espíritualista, liberalista, anticlericalista, positivista e naturalista, características próprias da obra desse autor.

Aluísio escrevia uma coluna chamada Píticsais, onde assinava com o pseudônimo de Pitrybi. Utilizava esse anonimato para aquecer o enfrentamento com o clero maranhense, já que era a favor da abolição e da Proclamação da República, indo de encontro a todos os preceitos católicos seguidos e valorizados pela sociedade maranhense que até então se encontrava submetida aos desmandos do clero.



Coluna Píticsais,
Jornal *A Flecha*, 1879
Fonte: SIOGE

5.2 O Pensador

Este jornal teve sua primeira edição publicada no dia 10 de setembro de 1880, em oposição ao jornal *Civilização*, periódico clerical que surgiu quando a Igreja Católica



reagia diante da expansão positivista que chegava ao Maranhão. Os textos publicados nesse jornal, preocupavam os sacerdotes e seus seguidores.

No longo editorial-programa da primeira edição de *O Pensador*, escrito segundo presunção geral por Manuel de Bethencourt, há trechos assim:

O Cristianismo fora vencido
Vencido? Completamente não. Já ao longo começa a
erguer-se o vulto majestoso da Reforma. Ouve-se
o troar de um canhão, é Lutero que fala. Vem
retemperar o cristianismo vem fazer brotar as fontes
da liberdade.

A voz da Reforma o clero treme. Parece então que
o mundo lhe vai escapar... Cristo peleja contra
ele pela voz daqueles que apregoam a doutrina.
O Papa recorre aos grandes meios: inventa uma
Máquina infernal – o jesuíta.

Em meio deste século de ciência ele inventou
a maior das monstruosidades – a infabilidade papal,
essa mutilação enorme da razão. E não ficou
aquí. Corrompeu o ensino, alterou a história, deturpou
a moral, perverteu as consciências e fez o Silabus.

Finalizando dizia assim o editorial:
Tal é o programa do PENSADOR: pensar e só
pensar. Pensar rasgar os horizontes do porvir.

Aluísio aproveita-se dos deslizes dos representantes da Igreja Católica para atingir essa Instituição, que possuía respeito e credibilidade e exercia poder sobre a sociedade.

Devido às severas críticas que fazia ao clero e a Igreja Católica, o jornal *Civilização* apontava Aluísio como um indivíduo que tinha pacto com o satanás. A rivalidade era tão grande, que *O Pensador* foi processado judicialmente, acusado de escrever injúrias contra o clero, principalmente contra o padre Francisco José Batista.

Após tantos conflitos, Aluísio e seus parceiros perceberam que apenas três edições mensais de *O Pensador* não respondiam à situação criada pela rivalidade entre grupos clericais e seus opositores. A partir daí se fez necessária a publicação de um jornal diário. Essa idéia concretizou-se com o jornal *A Pacotilha*, lançado em outubro de 1880.



5.3 A Pacotilha

O jornal A Pacotilha foi fundado em 1880 por Victor Lobato e dirigido durante muitos anos por Agostinho Reis. Surgiu com o objetivo de intensificar ainda mais os embates com o jornal Civilização, fortalecendo o, já provocativo, periódico O Pensador.

Em A Pacotilha, Aluísio publicava textos de outros autores que compartilhavam dos mesmos objetivos que os seus, como uma forma de se firmar e legitimar sua obra junto aos setores da sociedade.

Aluísio Azevedo escreveu muitos artigos para esse jornal. E como era característica sua e de outros jornalistas dessa época, assinava seus artigos com uma infinidade de pseudônimos. Os codinomes dificultavam a ação da Igreja contra aqueles que a combatiam. Entre os muitos pseudônimos usados por Aluísio no jornal A Pacotilha estão Giroflê e Semicúpio dos Lampiões.

A Pacotilha foi o último jornal maranhense para o qual Aluísio escreveu antes de sua para o Rio de Janeiro. Nele, publicou sua carta de despedida, onde se despediu da sociedade e narra resumidamente sua passagem pelo Maranhão.

6 CONCLUSÃO

Aluísio Azevedo ficou mais conhecido por sua obra ficcional. Fundou a cadeira número quatro da Academia Brasileira de Letras, com relevante acervo literário. A análise de sua obra tornou-se importante por trazer consigo um pouco da consolidação da imprensa no Brasil do século XIX.

O fazer jornalístico de Aluísio era envolvido pela sua inspiração literária, sem deixar de lado a verdadeira finalidade jornalística, de informar, interpretar, orientar e entreter.

Vale ressaltar que a forma como o escritor e jornalismo participou da imprensa maranhense lançou peculiaridades ainda hoje encontradas nos jornais locais. Apesar de mais conhecido como romancista, Aluísio Azevedo foi antes jornalista e em sua obra a ficção e a realidade se fundem de tal maneira, que buscando uma definição, é difícil escolher entre jornalismo literário ou literatura jornalística.



REFERÊNCIAS

AZEVEDO, Aluisio Tancredo Belo Gonçalves. **A Flecha**, São Luís, 1979. p.47. Coluna Piticaias.

COSTA, Cristina. **A milésima segunda noite**: da narrativa mítica à telenovela análise estética e sociológica. São Paulo: Annablume, 2000.

D'ONÓFRIO, Salvatore. **Literatura ocidental**: autores e obras fundamentais. 2ed. São Paulo: Ática, 2000.

FANINI, Ângela Maria Rubel. Os romances-folhetins de Aluísio Azevedo: aventuras periféricas. Florianópolis: Tese apresentada para obtenção do título de Doutor – UFSC, 2003.

FERREIRA, Déborah M. M. **Jornalismo e Literatura em Aluísio Azevedo**: contribuições do escritor para os jornais maranhenses e folhetins, no período de 1879 a 1883. São Luís: Trabalho de Conclusão de Curso – UFMA, 2002.

_____. **Palcos de uma causa**: jornalismo e literatura em Aluísio Azevedo. São Luís: Artigo Científico apresentado para obtenção do título de especialista – UFMA, 2004.

FERREIRA JÚNIOR, José. **Entrevista sobre Aluísio Azevedo e a imprensa maranhense do séc. XIX**. São Luís, 18 mar 2006.

_____. **Aluísio Azevedo: o jornalista, o crítico literário e o romancista**. Jornal da Rede Alcar. São Paulo, v.5, n. 59, 1 nov. 2005. Disponível em: <http://www2.metodista.br/unesco/rede_alcar/rede_59/rede_alcar-serie-aluisio-59.ht>. Acesso em: 10 mar. 2006.

JORGE, Sebastião Barros. **Os primeiros passos da imprensa no Maranhão**. São Luis: EDUFMA, 1987. (Coleção Ciências Sociais; Série Comunicação).

MERIAN, Jean-Yves. **Aluísio Azevedo**: vida e obra(1857-1913). Rio de Janeiro: Espaço e tempo/ Banco Sudameris-Brasil:INL,1988.



PINHEIRO, Roseane. **Sob Pena do Jornalismo e do Romance**. Associação Maranhense de Imprensa. São Luís, dez. 2003. Disponível em: <<http://www.ami-ma.com.br/index.php?catID=59&blID=7&ID=331>>. Acesso em: 10 mar.2006.

ANEXO – Carta de despedida de Aluísio Azevedo

Pacotilha, São Luís, 06 set. 1881

DESPEDIDA

Ao lerem estas palavras estará o autor delas sendo conduzido a vapor para o Rio de Janeiro e sendo conduzido pela saudade para o mundo nebuloso das meditações e das tédias idéias.

Nessa ocasião ele ao menos sentirá o prazer íntimo de calcular que não desapareceu ainda da memória de seus comprovincianos e deixará embalar-se pela esperança de um dia prestar bons serviços à sua pátria e a seus amigos.

A estes sejam, entretanto dedicadas estas palavras singelas e sem elegância cujo único mérito está exclusivamente na sinceridade que as dita.

Seria imperdoável ingratidão partir sem patetear publicamente o muito penhorado que vou do Maranhão pelos inestimáveis obséquios que me foram dispensados nesta cidade desde que vim do Rio de Janeiro.

Estava bem longe de merecer tanto – vou, por conseguinte com o coração arejado por uma boa idéia de reconhecimento e com a consciência satisfeita pela convicção de não ter jamais procedido mal – não me arrependo de coisa alguma que fiz.

Arrastado ao Maranhão pela lastimável morte de meu pai, cujo inventário reclamava à presença de um de seus filhos, tencionava demorar-me aqui apenas três meses – demorei-me quase três anos.

Durante esse espaço tive ocasião de avivar velhas amizades da infância e de entabolar novas relações, que me puseram em contato com alguns caracteres e alguns corações de primeira agoa.

Já é grande consolação não descreer dos homens – já o que me sucedeu.

Para aproveitar os lazeres escrevi aqui o meu primeiro romance – *Uma lágrima de mulher*; pintei um quadro a óleo – *Depois de uma banicada*; publiquei meu último trabalho literário – *O Mulato*; fundei com alguns amigos distintos e talentosos *O Pensador*, do qual só me despedi na ocasião de retirar-me, e finalmente chamado à redação da *Pacotilha* aqui demorei-me até a véspera de minha viagem.

Todos esse trabalhos que enumerei pouco com nada valerão, se não lhes valer o único mérito que possuem – a boa intenção com que foram praticados.

Essa, afianço que foi a melhor, se nem sempre os recursos intelectuais, do autor corresponderam a sua vontade, não o devemos responsabilizar por isso. Ao contrário, seria resolução firme de aperfeiçoar-se. É uma boa resolução e se ela depende somente do esforço e do trabalho, devemos animá-lo para que ele trabalhe e no futuro produza cousa mais aproveitável.

A intenção possuo-a eu, muito feliz serei se dela colher bons e sazonados frutos.



A todas as pessoas que contribuíram por conseguinte para a realização dos trabalhos que empreendi nesta cidade; assim como o público que as acolheu com protetora condescendência os meus mais sinceros protestos de gratidão e estima – em quanto viver guardarei no coração a idéia desses favores.

Agora, que meu irmão Américo veio substituir-me ao lado de minha família, nada mais tenho a fazer aqui e como a plantar minha atividade e minha perseverança em um terreno mais amplo e produtivo.

Sei que audácia dos padres de Santo Antônio aumentará na razão inversa do meu afastamento, porém isso pouco me abala – a lama que me fizeram atirar há de voltar as suas pias de água benta; além disso, tenho bastante confiança no seguinte provérbio – cão que ladra não morde!

Por mais que dissessem eles a meu respeito nunca daria eu por mal empregados os serviços que prestei à sociedade maranhense colaborando abertamente n’*O Pensador* – muitas famílias tenho consciência e ter arrancado às garras do fanatismo para restituir às sublimes obrigações do lar doméstico.

Digam embora os padres que sou ignorante e atrevido, porém nunca poderão dizer que sou um homem mal intencionado.

O leitor que me desculpe esse esbanjamento de palavras com semelhante assunto, porém depois que tanto se escreveu a meu respeito nesta província, não será muito que também eu acrescente alguma cousa.

Muito me escreveu e, seja dito em verdade, a maior parte das vezes desfavoravelmente.

E, como de tudo conservo as melhores recordações, peço licença ao leitor para terminar as minhas despedidas, transcrevendo a seguinte engraçada poesia do Sr. Rocha Santos, que foi o primeiro assento das descomposturas que levei.

(...)